

FOLHAS QUE CURAM, SABERES QUE RESISTEM: EXPERIÊNCIA COM HORTA MEDICINAL NO ILÉ ÀSÉ OJÚ DAN LÁYÉ

Tais Carolane Souza Almeida[1]
João Vitor dos Santos Ramos[2]
Camila Vitoria Ferreira Costa[3]
Daniele de Brito Trindade[4]

Palavras-chave: Ancestralidade; Saberes Ancestrais; Plantas sagradas.

INTRODUÇÃO

As plantas constituem a base da vida no planeta, desempenhando funções vitais para o equilíbrio ambiental e a manutenção da biodiversidade. São responsáveis pela produção de oxigênio, pela regulação do clima e fornecem alimento, matéria-prima e medicamentos, sendo, portanto, fundamentais para os ecossistemas e para as sociedades humanas. Compreender e valorizar o papel das plantas é essencial para a promoção da sustentabilidade e da qualidade de vida em escala global (Lopes, 2023).

O uso de plantas com propriedades medicinais é uma prática ancestral que acompanha a história da humanidade desde as primeiras civilizações, integrando saberes ligados à saúde, alimentação e organização social (Campelo; Ramalho, 1989; Bruning *et al.*, 2012). No contexto das religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, as folhas (*ewé*, em iorubá) têm papel central, carregando significados simbólicos, espirituais e funcionais profundamente enraizados nas práticas e cosmologias afro-brasileiras (Alves; Povh; Portuguez, 2019).

As hortas medicinais, nesse sentido, não apenas promovem a saúde, mas também fortalecem a relação entre os seres humanos e a natureza, atuando como instrumentos de preservação cultural, cidadania e intercâmbio de saberes (Fernandes, 2005). Além disso,

[1] Graduanda em Engenharia Agronômica, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[2]Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[3]Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi.
[4] Doutora em Estatística, Instituto Federal Baiano – *Campus* Guanambi, Professora EBTT de Estatística.

representam estratégias potentes para integrar educação ambiental, agroecologia e espiritualidade nos espaços religiosos (Magalhães-Fraga; Oliveira, 2010).

Neste contexto, o projeto "Raízes e Folhas: preservação dos saberes ancestrais e medicina popular nas religiões de matriz africana" tem como foco a valorização dos saberes tradicionais e das práticas culturais afro-brasileiras como expressões de resistência e identidade no território do Sertão Produtivo baiano. O estudo está sendo desenvolvido no terreiro Ilé Àsé Ojú Dan Láyé, situado no município de Guanambi–BA, com o objetivo de evidenciar os usos das plantas medicinais nesse espaço religioso, reconhecendo essas práticas como parte de um conhecimento ancestral, oral e profundamente territorializado.

Neste trabalho, serão apresentadas algumas das plantas medicinais utilizadas no cotidiano do Ilé Àsé Ojú Dan Láyé, destacando-se suas características morfológicas, usos terapêuticos e funções simbólico-rituais. A iniciativa de implantar uma horta medicinal no terreiro reforça a importância de preservar os fazeres e memórias coletivas que habitam esses territórios, reafirmando a centralidade da cultura afro-brasileira nas geografias vividas, imaginadas e representadas.

Ao promover o mapeamento e a valorização dos saberes tradicionais relacionados às plantas medicinais no Ilé Àsé Ojú Dan Láyé, este estudo contribui significativamente para o fortalecimento das formas de (re)existência presentes nos terreiros. Essas práticas, que integram dimensões espirituais, terapêuticas e identitárias, constituem estratégias cotidianas de resistência cultural frente às rupturas provocadas pelo avanço do capital sobre os territórios tradicionais.

Em meio a processos de invisibilização, urbanização desordenada e perda de biodiversidade, a permanência e a transmissão oral desses saberes reafirmam a centralidade das religiões de matriz africana como espaços de construção de memória, preservação do patrimônio imaterial e afirmação de pertencimento. Assim, o mapeamento das espécies e seus usos no terreiro se insere como uma ação política e pedagógica que reconhece o valor dos conhecimentos ancestrais e sua potência para sustentar modos de vida enraizados na coletividade, na espiritualidade e no respeito à natureza.

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto "Raízes e Folhas" adota uma metodologia de caráter quali-quantitativo, com ênfase em uma abordagem exploratória e descritiva, sempre respeitando os limites do sagrado e os conhecimentos tradicionais presentes nas religiões de matriz africana. A estrutura do projeto contempla cinco etapas fundamentais: (1) revisão da literatura; (2) mapeamento dos terreiros localizados em Guanambi; (3) realização da pesquisa de campo com abordagem mista; (4) criação da horta medicinal no terreiro parceiro; e (5) produção de material educativo em formato de cartilha.

Na primeira fase, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente sobre temas como o uso simbólico e terapêutico das plantas em contextos religiosos afro-brasileiros, etnobotânica, história, saúde e ciências biológicas, com o objetivo de embasar teórica e conceitualmente as ações do projeto. Em seguida, procedeu-se ao levantamento dos terreiros da região utilizando amostragem intencional não probabilística, priorizando os espaços com vínculos estabelecidos com o IF Baiano e disponibilidade para integrar a pesquisa. O terreiro Ilé Àsé Ojú Dan Láyé foi escolhido como campo de estudo, mediante o consentimento da liderança religiosa.

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 7.352.907), a etapa seguinte consistiu na aplicação de um questionário semiestruturado, elaborado e testado previamente, com o intuito de coletar informações sobre os perfis identitários, socioculturais e etnobotânicos dos participantes. Foram levantados dados sobre as espécies vegetais utilizadas, seus nomes populares e científicos, partes da planta mais utilizadas,

formas de preparo, finalidades terapêuticas, espirituais ou protetoras, além das narrativas que envolvem cada espécie.

Os dados obtidos serão analisados com o suporte do *software* R (versão 4.4.0), utilizando-se técnicas estatísticas descritivas e não paramétricas, a fim de identificar padrões de uso e correlações entre os saberes tradicionais e as práticas religiosas. A horta medicinal será implantada no espaço do terreiro conforme orientações técnicas da Embrapa, considerando a adaptação dos canteiros à estrutura disponível e a inserção de placas de identificação botânica, promovendo a educação ambiental e religiosa de forma integrada.

Como produto, será elaborada a cartilha "Ervas Sagradas: sem folhas, não há Orixás!", que reunirá o conhecimento sistematizado ao longo da pesquisa, com atenção aos princípios éticos e respeito aos segredos rituais, buscando preservar e divulgar os saberes ancestrais de modo sensível e culturalmente comprometido.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Até o momento, o projeto "Raízes e Folhas", atualmente em andamento, tem apresentado avanços importantes, especialmente no que diz respeito à valorização dos saberes tradicionais associados ao uso de ervas sagradas nas religiões de matriz africana. As observações iniciais apontam para a profundidade e diversidade dos conhecimentos transmitidos oralmente pelos praticantes do Candomblé, revelando a íntima conexão entre espiritualidade, meio ambiente e identidade cultural. Esses saberes, enraizados na relação com a terra e com as plantas, reafirmam a importância da preservação das tradições ancestrais como forma de resistência e cuidado com a vida.

As visitas ao terreiro e os diálogos estabelecidos com a Iyalorixá e os adeptos têm revelado a importância simbólica, ritualística e terapêutica das folhas utilizadas em banhos, rituais de cura espiritual e até mesmo para fins medicinais. Esse saber ancestral, frequentemente não registrado formalmente, é perpetuado por meio da oralidade e constitui parte essencial do patrimônio imaterial das comunidades afro-brasileiras (Borba, 2018).

As conversas revelaram uma rica diversidade de ervas utilizadas para fins terapêuticos, energéticos e em rituais, com destaque para três plantas mais citadas: alfazema (*Lavandula spp.*), tapete de Oxalá (*Plectranthus barbatus Andrews*) e alfavaca (*Ocimum gratissimum*) (Campinas, 2018).

A alfazema é amplamente utilizada em banhos, defumações e águas de cheiro com a finalidade de purificação e proteção espiritual, sendo reconhecida por seu aroma suave que promove paz, equilíbrio emocional e serenidade. No contexto religioso, ela está especialmente ligada a Oxalá, orixá da paz, da fé e da criação, sendo comum sua presença em rituais de purificação e em celebrações dedicadas a essa divindade.

O tapete de Oxalá, por sua vez, é uma planta consagrada a esse mesmo orixá. Seu simbolismo envolve humildade, sabedoria e pureza, refletindo os ensinamentos de Oxalá sobre paciência e equilíbrio. É frequentemente utilizada na decoração de altares e terreiros, sobretudo nos espaços dedicados a Oxalá, além de também ser empregada em banhos e defumações com o objetivo de fortalecer o espírito, atrair calma e remover influências negativas.

Já a alfavaca, pertencente ao gênero *Ocimum*, é reconhecida como uma potente planta de limpeza espiritual. É muito utilizada em banhos de descarrego e em defumações, sendo valorizada por sua capacidade de **e**liminar cargas negativas e atrair boas energias. Dependendo da variedade e da tradição do terreiro, pode estar associada a diferentes

orixás, especialmente Ogum e Oxóssi. Seu aroma forte é considerado eficaz para afastar espíritos obsessores e energias indesejadas, além de oferecer fortalecimento e proteção espiritual aos que a utilizam.

Figura 1. Ervas que curam e conectam: alfazema (esquerda), tapete de Oxalá (centro) e alfavaca (direita).



Fonte: Imagens ilustrativas retiradas da internet, 2025.

Mais do que seus usos práticos, cada uma dessas plantas carrega narrativas e significados profundos, vinculados a orixás específicos e a vivências pessoais de cura, proteção e equilíbrio espiritual. Esses relatos reforçam a centralidade das folhas na cosmologia afro-brasileira, evidenciando seu papel não apenas como elementos da natureza, mas como agentes sagrados e simbólicos no cuidado do corpo, da mente e do espírito.

O engajamento dos adeptos do terreiro em todas as etapas do processo, desde o preparo do solo até a construção dos canteiros, revela o protagonismo das comunidades de axé na preservação e valorização de seus saberes tradicionais. Esse envolvimento direto evidencia uma relação de cuidado e pertencimento com a terra, fundamentada em uma cosmovisão onde natureza e espiritualidade caminham juntas.

A horta medicinal vai além do cultivo de plantas, sendo um território simbólico e ancestral onde se cultivam também memórias, identidades e resistências. Ela reafirma a força das tradições afro-brasileiras na construção de práticas sustentáveis e enraizadas em saberes culturais e espirituais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no Ilé Àsé Ojú Dan Láyé reafirma o valor dos saberes tradicionais das religiões de matriz africana, especialmente no que se refere ao uso de plantas medicinais como elementos de cura, proteção e conexão espiritual. A implantação da horta medicinal, além de contribuir para a valorização do patrimônio imaterial afro-brasileiro, fortalece a identidade do terreiro e estimula a preservação do conhecimento ancestral transmitido oralmente entre gerações.

Ao mapear as espécies utilizadas e registrar seus nomes, usos e significados, a pesquisa amplia a visibilidade dessas práticas e reconhece sua importância tanto para a saúde comunitária quanto para a resistência cultural diante das pressões da modernidade e do avanço do capital sobre os territórios tradicionais. Nesse sentido, o projeto não apenas documenta um saber, mas participa ativamente de sua continuidade, promovendo o diálogo entre ciência, espiritualidade e território.

A cartilha educativa que será elaborada como produto reforça esse compromisso com a educação, a preservação e a difusão ética dos conhecimentos ancestrais. Assim, a pesquisa contribui para fortalecer as formas de (re)existência que emergem dos terreiros como espaços de fé, cultura, saúde e resistência no Território Sertão Produtivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Kenneri Cezarini Hernandes; POVH, Juliana Aparecida; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. *Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais*. Ethnoscientia – Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology, 2019.

AMARO FILHO, J.; JÚNIOR, R. N. A.; MOTA, J. C. A. *Física do solo: conceitos e aplicações*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

BORBA, Denísia Martins. Florestas: espaço sagrado das religiões de matriz africana. *Anais do Encontro Estadual de História*, 2018.

BRUNING, M. C. R.; MOSEGUI, G. B. G.; VIANNA, C. M. M. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu-Paraná: a visão dos profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 2675-2685, 2012.

CAMPELO, C. R.; RAMALHO, R. D. C. Contribuição ao estudo das plantas medicinais no Estado de Alagoas: VII. *Acta Botanica Brasilica*, v. 2, n. 1, p. 67-72, 1988.

CAMPINAS. *Cartilha plantas medicinais*. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas; Botica da Família – Farmácia Municipal de Manipulação, 2018. 1ª ed. 2ª reimpressão, jul. 2019. Disponível em:< https://www.campinas.sp.gov.br>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FERNANDES, M. C. A. *A horta escolar como eixo gerador de dinâmicas comunitárias, educação ambiental e alimentação saudável e sustentável*. Projeto PCT/BRA/3003. Brasília: FAO; FNDE/MEC, 2005.

LOPES, Monyck Jeane dos Santos. *Exposições em Botânica: os segredos das plantas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2023. 104 p. ISBN 978-65-88888-18-6.

MAGALHÃES-FRAGA, S. A. P.; OLIVEIRA, M. D. F. S. D. Escolas fitoparceiras: saúde, ambiente e educação através das plantas medicinais. *Revista Fitos*, v. 5, n. 1, 2010.

PIZOL, José Vitor. A relevância do pH do solo para os cultivos agrícolas. *Nutrição de Safras*, 18 maio 2023. Disponível em: <https://nutricaodesafras.com.br/ph-do-solo-na-agricultura>. Acesso em: 19 abr. 2025.